

**Mulheres**

**nas**

**eleições**

**2010**

**José Eustáquio Diniz Alves**  
**Céli Regina Jardim Pinto**  
**Fátima Jordão**  
Organizadores

# Diferenças sociais e de gênero nas intenções de voto para presidente em 2010

José Eustáquio Diniz Alves\*

Este artigo busca relacionar a evolução das intenções de voto com a construção política das candidaturas à Presidência da República, percorrendo uma linha do tempo com os principais fatos políticos que possibilitaram a reversão das tendências eleitorais de janeiro a setembro, os fatores que impediram uma decisão no primeiro turno e os determinantes do resultado final no segundo turno. Será dado destaque para o diferencial de intenções de voto entre homens e mulheres e para as questões de gênero que perpassaram o debate eleitoral.

Como fonte de dados, foram utilizadas 63 pesquisas nacionais de intenção de voto para a Presidência da República, sendo 45 no primeiro turno e 18 no segundo, realizadas pelos quatro principais institutos de pesquisa do país (Datafolha, Ibope, Sensus e Vox Populi). Estas pesquisas possibilitam traçar um quadro longitudinal das intenções de voto ao longo do ano, considerando-se as variáveis sexo, idade, educação, renda e região.

O Brasil conseguiu dar um grande passo no processo de inclusão feminina na política, ao eleger a primeira mulher presidenta da República. Mas esta novidade só terá significado se o país avançar no processo de empoderamento das mulheres e na construção de relações de gênero mais equitativas. Para tanto, é preciso avaliar como as questões de gênero foram tratadas e quais as lições que podemos tirar deste processo eleitoral, no sentido de possibilitar maior inclusão das mulheres na política e uma sociedade com menores desigualdades entre os sexos.

---

\*Doutor em Demografia pelo Cedeplar-UFMG e professor titular da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence) do IBGE (jed\_alves@yahoo.com.br).

## **A construção das candidaturas presidenciais e as intenções de voto no primeiro turno**

Nas eleições presidenciais de 2010, houve nove candidatos, sendo duas mulheres e sete homens. Do total de 101,6 milhões de votos válidos do primeiro turno, 47,7 milhões foram para Dilma Rousseff (PT), 33,1 milhões para José Serra (PSDB), 19,6 milhões para Marina Silva (PV), 886 mil para Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), 89 mil para Eymael (PSDC), 84 mil para Zé Maria (PSTU), 58 mil para Levy Fidelix (PRTB), 39 mil para Ivan Pinheiro (PCB) e 12 mil para Rui Costa Pimenta (PCO).

Dilma Rousseff e José Serra tiveram, respectivamente, 46,9% e 32,6% dos votos. Segundo Melo (2010) e Limongi e Cortez (2010), este resultado reflete uma estabilização do sistema eleitoral brasileiro, pois PT e PSDB lançaram candidatos nas últimas seis eleições presidenciais e, nas últimas cinco, conquistaram cerca de 80% dos votos válidos, no primeiro turno. Alves (2007) chama este processo de bipartidarismo de coalizão, pois o PT e o PSDB costumam liderar coligações com uma plêiade de partidos sem uma posição ideológica definida.

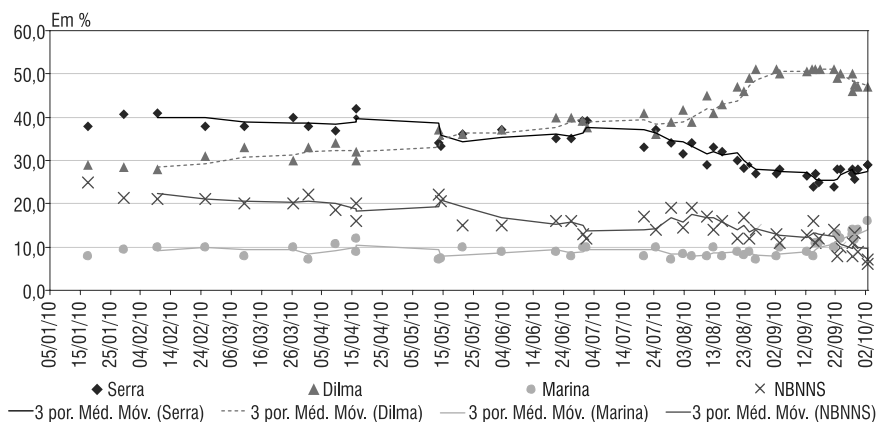
Mas a grande novidade das eleições 2010 referiu-se aos 19,3% dos votos da candidata Marina Silva, que fez carreira política no movimento sindical, no movimento ambientalista e no PT, mas disputou as eleições pelo Partido Verde. Foi a primeira vez, desde 1994, que uma “terceira via” ameaçou romper o domínio dos dois partidos (duopólio) que têm hegemônico as eleições presidenciais.

O Gráfico 1 mostra a evolução das intenções de voto das três principais candidaturas à Presidência da República, ao longo de 2010. Nota-se que, no início do ano, o candidato do PSDB, José Serra, que, além de ter sido ministro da Saúde, já havia disputado uma eleição presidencial, em 2002, e ocupava o cargo de governador do Estado de São Paulo, tinha cerca de 40% das intenções de voto. Dilma Rousseff, do PT, que ocupava o cargo de ministra da Casa Civil do governo Lula (e nunca havia disputado uma eleição), possuía cerca de 30% dos votos. Marina Silva, que se filiou ao PV em 2009 e tinha mandato de senadora pelo Estado do Acre, detinha pouco menos de 10% das intenções de voto. O percentual de pessoas que declaravam votar branco, nulo, nenhum ou não sabem em quem votar (NBNNS) correspondia a pouco mais de 20% das intenções de voto.

Os dados mostram que, de janeiro até meados de setembro, as intenções de voto em José Serra caíram progressivamente até um patamar abaixo de 30% e em Dilma Rousseff subiram continuamente, até atingir 50%

do total. O crescimento da candidata do PT se deu à custa da diminuição dos votos do candidato do PSDB e dos votos das pessoas que estavam “indecisas” no começo da campanha. A candidata do PV manteve estabilidade em torno de 10% dos votos até meados de setembro. Tudo indicava que as eleições seriam decididas no dia 3 de outubro de 2010. Porém, antes de verificar o que aconteceu nos últimos 15 dias da campanha do primeiro turno, vejamos como se deu a reversão das intenções de votos entre as duas principais candidaturas.

**Gráfico 1**  
**Intenções de voto no primeiro turno para as três principais candidaturas à Presidência Brasil – janeiro-outubro de 2010**



Fonte: Institutos de Pesquisas Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (45 pesquisas de intenções de voto).  
Nota: NBNS – votos nulos, brancos, nenhum e não sabe.

No começo de 2010, a disputa estava entre um candidato bastante conhecido pelo público em geral e uma candidata desconhecida do eleitorado. Ainda, José Serra pertencia às forças de oposição, enquanto Dilma Rousseff representava as forças governistas e a continuidade de um governo que tinha excelente avaliação popular. Alguns analistas políticos (COIMBRA, 2010; GUIMARÃES, 2010) consideravam que existia um desejo de continuidade tão forte que qualquer candidatura governamental estava “condenada” a vencer. Porém, a experiência internacional mostra que governos bem avaliados não ganham automaticamente eleições.

Entre janeiro e março, a diferença entre os dois principais pré-candidatos diminuiu um pouco, mas com José Serra mantendo a

dianteira. O dia 03 de abril foi a data final para a desincompatibilização, pois os titulares de cargo no âmbito do Poder Executivo precisam se licenciar seis meses antes do pleito. Dilma deixou a Casa Civil em 31 de março de 2010 e, em maio, ultrapassou Serra nas intenções de voto e manteve uma pequena vantagem até início de agosto. Entre meados de agosto e meados de setembro, Dilma chegou a abrir uma vantagem de mais de 20 pontos nas intenções de voto em relação ao candidato José Serra. A seguir, são listados dez fatos que ajudam a entender o aumento das intenções de voto em Dilma e o fortalecimento da coligação governamental.

### *1. Desejo de continuidade*

A altíssima popularidade do governo Lula favoreceu a candidata Dilma, que, enquanto ministra da Casa Civil, era considerada o braço forte da administração federal. De fato, após a crise dos anos 1980 – a chamada década perdida – e da estagnação dos anos 1990, a economia brasileira passou por um processo de retomada do crescimento econômico. O período 2004-2008 é conhecido como o quinquênio virtuoso, pois a economia brasileira voltou a crescer acima da média desde a redemocratização, com redução da pobreza e das desigualdades. Embora tenha havido uma interrupção em 2009, o crescimento de 7,5% do PIB, em 2010, fez com que a primeira década do século XXI fosse melhor do que as duas anteriores.

### *2. Ascensão social e redução das desigualdades e da pobreza*

O crescimento econômico do país no governo Lula (2002-2010) ficou muito aquém daquele ocorrido durante o período do “milagre econômico” (1968-1973), mas, enquanto este último se deu em um quadro de ausência de liberdades democráticas e com aumento das desigualdades econômicas e sociais, no governo Lula a expansão econômica aconteceu com respeito ao Estado de Direito e com redução das desigualdades econômicas, sociais, raciais, de gênero, regionais, etc. O crescimento do emprego com recuperação do poder de compra do salário mínimo possibilitou um grande aumento da “classe média”. A expansão da cobertura da previdência social e do Benefício de Prestação Continuada (BPC) proporcionou maior proteção social para as pessoas idosas. A ampliação dos programas de transferência de renda – por meio do Programa Bolsa Família – resultou na redução da extrema pobreza. O retorno eleitoral junto ao eleitorado de baixa renda (e sem fortes níveis de organização política e social) tendia a favorecer a candidata do governo.

### 3. *O desempenho econômico do Nordeste*

O Brasil vem passando por um processo de desconcentração regional, desde pelo menos os anos 1980, com a perda relativa do peso dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. As Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste têm apresentado maiores taxas de crescimento do que o Sudeste. No período recente, entre 2003 e 2010, o Nordeste cresceu proporcionalmente mais do que a economia nacional. Como mostra Bacelar (2009), as políticas sociais do governo Lula beneficiaram, proporcionalmente, mais o Nordeste. A valorização cambial, que dificulta as exportações do Sul e Sudeste, tende a impulsionar o crescimento da renda do Nordeste. Todos estes fatores contribuem para a avaliação positiva do governo federal, enfraquecem as candidaturas de oposição e possibilitam o bom desempenho da candidata da situação na região.

### 4. *Consolidação da candidatura Dilma no PT*

Dilma Rousseff militava no PDT do Rio Grande do Sul, atuando em cargos técnicos da administração governamental. Ela só se filiou ao Partido dos Trabalhadores em 2001. Neste sentido, não foi sem surpresa que aconteceu sua indicação para a candidatura presidencial. Mas, mesmo tendo um padrinho muito forte – o presidente Lula –, ela precisava conseguir o apoio do partido. Dois eventos foram fundamentais para a consolidação da candidatura Dilma junto ao PT e ao eleitorado: o programa de televisão do PT, em 13 de maio de 2011; e a convenção oficial do PT, em 13 de junho, que oficializou a candidatura Dilma à Presidência. Estes dois acontecimentos coincidem com o início da liderança da corrida eleitoral, com Dilma superando Serra nas intenções de voto a partir de maio.

### 5. *Saída de Ciro Gomes e apoio do PSB*

O presidente Lula nunca acreditou na possibilidade de ter dois candidatos do bloco governista e atuou no sentido de possibilitar a desistência de uma possível candidatura presidencial do deputado Ciro Gomes. Mesmo fazendo algumas críticas por ter sido preterido, os dados das pesquisas mostram que as intenções de voto de Dilma subiram depois que Ciro deixou de ser potencial candidato a presidente. Além disso, o apoio do partido de Ciro foi importante, pois o PSB contava com 27 deputados federais e quatro governadores, além da presença de Eduardo Campos, em Pernambuco, e Cid Gomes, no Ceará, ambos com altos índices de popularidade e com reais chances de vitória consagrada no primeiro turno. A participação

do PSB na coligação de Dilma foi importante para unificar a candidatura do governo e identificar Dilma Rousseff como a única candidata apoiada pelo presidente Lula.

#### 6. *Consolidação de uma forte coligação*

Num país com alta fragmentação partidária, como o Brasil, uma política de aliança é fundamental para dar sustentação às candidaturas e garantir a governabilidade. O governo Lula conseguiu construir um arco de alianças bastante amplo para viabilizar a candidatura Dilma. A construção da coligação “Para o Brasil seguir mudando” envolveu a junção do PT, PMDB, PR, PSB, PDT, PSC, PCdoB, PRB, PTN e PTC. Estes dez partidos possuíam cerca de 60% dos deputados da Câmara Federal e aproximadamente o mesmo percentual de candidatos aos cargos proporcionais em 2010. A própria aliança entre PT e PMDB, os dois maiores partidos do país, indicando a candidata a presidente e o candidato a vice-presidência já é um fato inédito na história destes partidos, que sempre foram mais adversários do que aliados. O PT abriu mão de candidaturas majoritárias a diversos governos estaduais em troca de apoio à candidatura presidencial e como meio de aumentar as bancadas de deputados estaduais, federais e senadores. Portanto, a política de alianças do PT foi mais efetiva do que a do PSDB, que teve vários abalos com o DEM (e houve muito desgaste com o processo que concluiu com a indicação do candidato à vice-presidência, Índio da Costa). Evidentemente, esta ampla aliança, que viabilizou a união de entidades como CUT e MST e figuras como Sarney e Collor, gerou tensões e embaralhou os objetivos programáticos. Mas em termos eleitorais, a coligação “Para o Brasil seguir mudando” apresentou-se como uma aliança muito forte, ao contrário, por exemplo, da candidata Marina Silva, do PV, que não possuía aliados formais e carecia de recursos financeiros e políticos para sustentar sua possível ascensão.

#### 7. *Palanques estaduais*

A coligação nacional foi articulada também no sentido de fortalecer os palanques estaduais. Em Minas Gerais, o presidente Lula conseguiu induzir o PT estadual a abrir mão de uma candidatura própria ao governo do Estado, para apoiar Hélio Costa, do PMDB, e ainda fazer com que o ex-ministro Patrus Ananias concordasse em concorrer como vice na chapa do PMDB, antigo desafeto do PT e dos setores progressistas do Estado. Com o forte palanque estadual e o fato de a candidata Dilma ter nascido

em Belo Horizonte, não foi difícil fazer uma virada em Minas Gerais, que é um Estado decisivo nos resultados eleitorais e que representa uma síntese do Brasil. Como já disse o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), “Minas foi o nó que atou o Brasil e fez dele uma coisa só”. No Maranhão, o PT foi enquadrado no sentido de apoiar a família Sarney, a despeito da greve de fome de Manoel da Conceição, que é considerado uma das mais importantes lideranças camponesas do Brasil e um dos fundadores do PT. No Paraná, o presidente Lula conseguiu neutralizar o eventual vice de Serra, o senador Alvaro Dias, e montou um palanque forte para Dilma, juntando Osmar Dias e o ex-governador Roberto Requião, entre outras lideranças. Por outro lado, José Serra teve que procurar um vice junto ao DEM e acabou protagonizando uma semana muito confusa e desgastante com a escolha do deputado Índio da Costa, do Rio de Janeiro. Também no Rio de Janeiro Serra perdeu o apoio de um possível vice-presidente, o senador Francisco Dornelles, do PP (partido que no plano nacional ficou neutro na coligação, mas apoia majoritariamente a candidata Dilma). No terceiro colégio eleitoral do país, o Estado do Rio, Serra não teve palanque próprio e ficou muito atrás nas pesquisas e nos resultados finais.

#### *8. Recursos financeiros e tempo de propaganda gratuita*

Dados de início de agosto já indicavam que Dilma tinha recebido doações de R\$ 11,6 milhões, duas vezes o que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva obteve na campanha pela reeleição quatro anos antes (R\$ 5,7 milhões), enquanto Serra terminou o primeiro mês de campanha com o valor de R\$ 3,6 milhões. Para a divulgação das propostas, a candidata do PT conseguiu 40% do total do tempo de TV destinado à propaganda eleitoral dos postulantes ao Palácio do Planalto, que teve início em 17 de agosto. A fatia foi 35% superior à que teve o tucano José Serra e representa fato inédito na história do PT, pois em nenhuma das cinco eleições presidenciais, desde a redemocratização, o PT ocupou o maior espaço na TV. O resultado foi uma grande subida de Dilma nas preferências de voto do eleitorado, na segunda quinzena de agosto.

#### *9. Apoio de importantes igrejas evangélicas*

Em 1989, a Igreja Universal fez uma campanha radical contra o candidato Lula. Mas, em 2010, principalmente com a intermediação do bispo Marcelo Crivela, a Igreja Universal passou a ser forte aliada da candidata do PT. Em julho, Dilma Rousseff recebeu também o apoio de representantes



de 15 igrejas evangélicas. O pastor e deputado Manoel Ferreira (PR-RJ), presidente de uma das maiores denominações pentecostais, a Assembleia de Deus, do Ministério de Madureira, defendeu o voto em Dilma e agradeceu Lula pela lei que regulariza os templos erguidos em áreas públicas da União. Este apoio aconteceu a despeito do fato de a candidata Marina ser evangélica da Assembleia de Deus. O apoio dos evangélicos era considerado importante para conquistar uma parte do eleitorado feminino e reduzir as diferenças que Dilma tinha neste segmento, pois as mulheres são maioria dos filiados às igrejas pentecostais.

#### *10. Apoio efetivo de Lula: carisma, bonapartismo, lulismo*

A influência eleitoral de Lula tem sido superior à capacidade de mobilização do PT para conquistar o eleitorado. Depois da crise do mensalão, em 2005, Lula ficou ainda maior do que o PT. Segundo André Singer (2009), professor da USP, ex-secretário de Imprensa e ex-porta-voz do governo Luiz Inácio Lula da Silva, o “fenômeno” Lula descolou-se do PT e criou o lulismo, provocando um novo alinhamento social no país. De acordo com Singer, a classe média “alta” que apoiava o PT se afastou, mas Lula conquistou o chamado subproletariado, que se transformou em ator político. O fato é que Lula criou uma base de apoio entre a população mais pobre do Brasil, o que possibilitou uma certa “autonomia bonapartista”. A comunicação direta do presidente Lula com as massas fez com que a candidata Dilma pudesse contar com uma base social ampla e que tendia a votar nas forças governamentais. Boa parte desta base social do lulismo ainda aparecia como “indecisa” nas pesquisas, enquanto Dilma Rousseff ainda era desconhecida para estes eleitores. Mas a campanha de Dilma considerava que ela cresceria à medida que o eleitorado de baixa renda definisse suas preferências, o que poderia aumentar as probabilidades de as eleições serem definidas no primeiro turno.

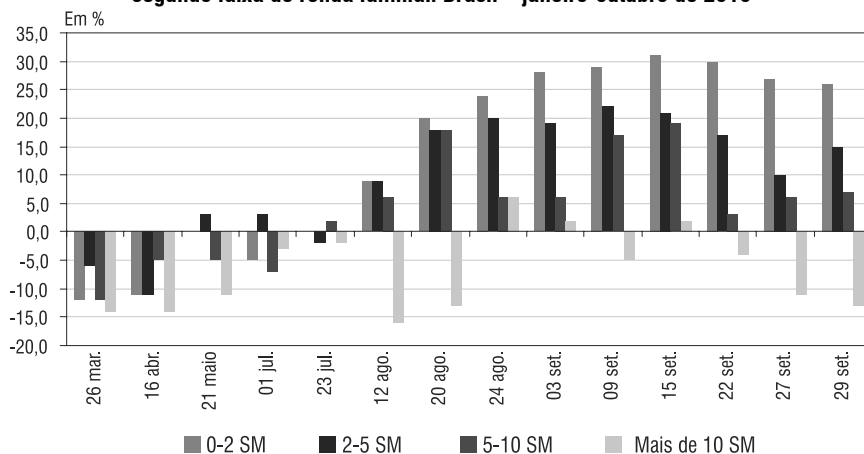
#### **Intenções de voto por segmentos sociodemográficos no primeiro turno**

De modo geral, Dilma Rousseff perdia para José Serra em todos os segmentos de eleitores, no início de 2010, segundo dados da pesquisa do Instituto Datafolha. Após a reversão das tendências ao longo do ano, Dilma passou à frente em todos os segmentos em meados de setembro. Contudo, após o escândalo da Casa Civil, envolvendo a ex-ministra Erenice Guerra (substituta de Dilma), as intenções de voto na candidata do PT caíram, especialmente entre o eleitorado de maior renda e de maior nível

educacional. Os Gráficos 2 a 5 mostram as intenções de voto de março a setembro, segundo pesquisas do Instituto Datafolha.

Em termos de faixa de renda, Dilma Rousseff manteve grande vantagem entre a população com rendimento familiar de 0 a 2 salários mínimos, seguida pelo segmento de 2 a 5 salários mínimos e uma vantagem menor entre o grupo de pessoas com renda de 5 a 10 salários mínimos. Isto quer dizer que Dilma tinha grande apoio da população mais pobre do país, enquanto José Serra ganhava somente entre aquela com renda acima de 10 salários mínimos.

**Gráfico 2**  
**Diferença de intenções de voto no primeiro turno entre Dilma Rousseff e José Serra,**  
**segundo faixa de renda familiar. Brasil – janeiro-outubro de 2010**



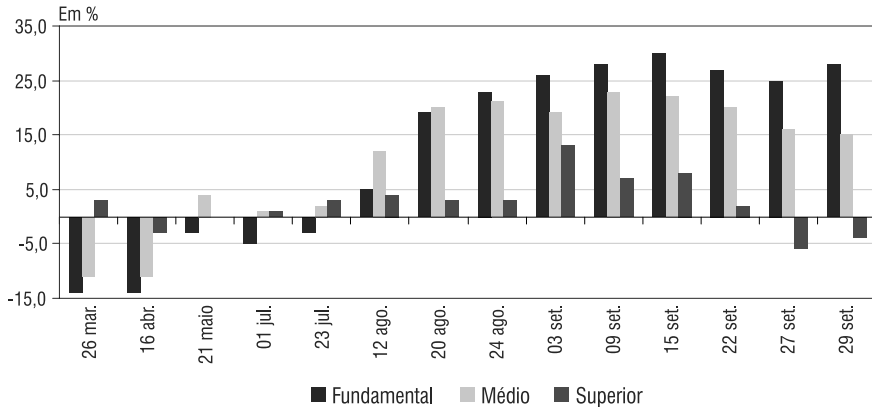
Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (14 pesquisas de intenções de voto).

No que se refere à escolaridade dos eleitores, Dilma teve mais apoio entre os analfabetos e com ensino fundamental, seguidos por aqueles com ensino médio, sendo que José Serra terminou o primeiro turno com maior intenção de voto entre os eleitores com ensino superior.

Em termos geracionais, Dilma chegou ao final do primeiro turno com vantagem em todos os grupos etários, mas proporcionalmente maior na faixa de 25 a 59 anos e menor entre os idosos.

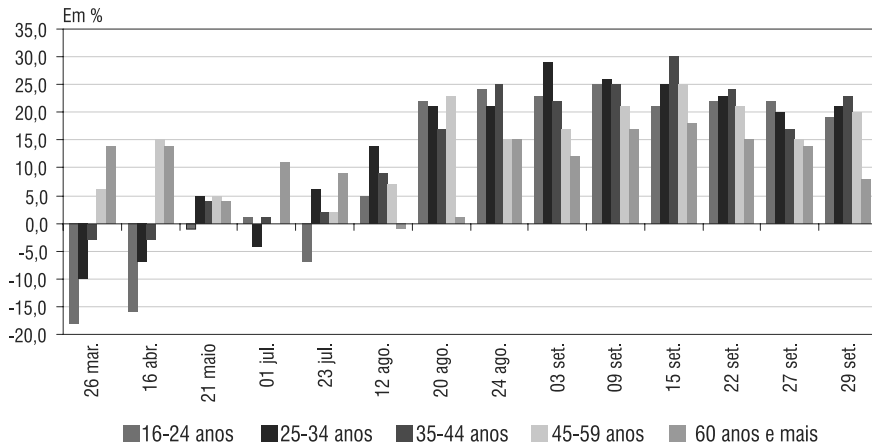
Nas regiões brasileiras, Dilma Rousseff manteve a primeira colocação no Nordeste durante todo o ano e chegou no início de outubro com quase 40 pontos de vantagem nessa região. O pior desempenho de Dilma ocorreu no Sul, mas, ainda assim, a candidata do PT vencia em todas as regiões.

**Gráfico 3**  
**Diferença de intenções de voto no primeiro turno entre Dilma Rousseff e José Serra,**  
**segundo escolaridade dos eleitores. Brasil – janeiro-outubro de 2010**



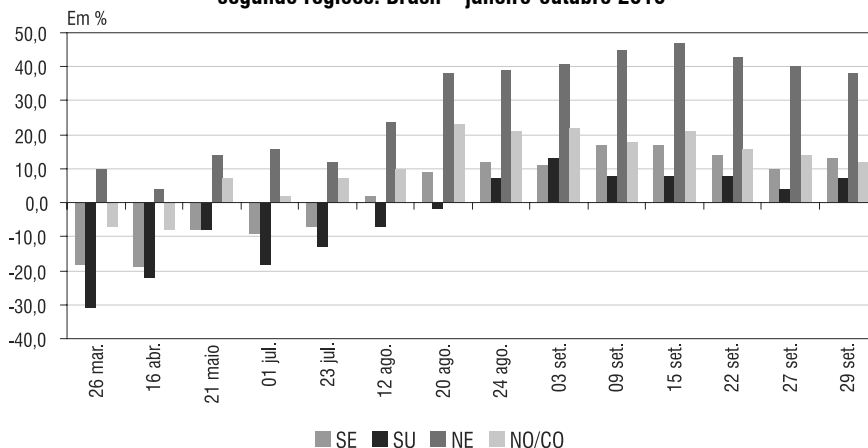
Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (14 pesquisas de intenções de voto).

**Gráfico 4**  
**Diferença de intenções de voto no primeiro turno entre Dilma Rousseff e José Serra,**  
**segundo grupos de idade dos eleitores. Brasil – janeiro-outubro de 2010**



Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (14 pesquisas de intenções de voto).

**Gráfico 5**  
**Diferença de intenções de voto no primeiro turno entre Dilma Rousseff e José Serra,**  
**segundo regiões. Brasil – janeiro-outubro 2010**



Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (14 pesquisas de intenções de voto).

Se Dilma Rousseff tivesse mantido os mesmos percentuais de intenções de voto alcançados em meados de setembro de 2010, ela teria ganhado as eleições no primeiro turno. Contudo, o escândalo de corrupção ocorrido na Casa Civil, envolvendo a ministra Erenice Guerra,<sup>1</sup> interrompeu a ascensão de Dilma e afastou os eleitores de maior renda e mais escolaridade. Como disse o coordenador da campanha de *marketing*, João Santana (2010), “O caso Erenice foi o mais decisivo porque atuou, negativamente, de forma dupla: reacendeu a lembrança do mensalão e implodiu, temporariamente, a moldura mais simbólica que estávamos construindo da competência de Dilma, no caso a Casa Civil. Por motivos óbvios, vínhamos ressaltando, com grande ênfase, a importância da Casa Civil. Na cabeça das pessoas, a Casa Civil estava se transformando numa espécie de gabinete paralelo da presidência. E o escândalo Erenice abalou, justamente, esse alicerce”.

<sup>1</sup> A ex-ministra da Casa Civil, Erenice Guerra, foi envolvida em duas acusações: uma feita por uma empresa de Campinas e publicada em reportagem no jornal *Folha de S. Paulo* (12/09/2011), de que seu filho Israel cobrava dinheiro para obter liberação de empréstimo no BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social); e outra, segundo reportagem publicada na revista *Veja* (11/09/2011), de que Erenice teria atuado para viabilizar negócios nos Correios intermediados por uma empresa de consultoria de propriedade de seu outro filho. A demissão de Erenice Guerra da Casa Civil ocorreu no dia 16/09/2011.

A partir deste episódio, a candidatura Dilma se mostrou frágil e permitiu a discussão de questões religiosas e políticas. Os últimos 15 dias de campanha do primeiro turno eliminaram a possibilidade de a eleição ser definida em 03 de outubro. Particularmente relevante para o desfecho do primeiro turno foi a questão da descriminalização do aborto. A candidatura Dilma colocava o tema como um assunto de saúde pública, enquanto a candidatura Serra reforçava os argumentos religiosos e a candidatura Marina posicionava-se contra o aborto, mas propondo que qualquer alteração na legislação do tema fosse decidida por meio de um plebiscito.

Com o aumento das incertezas na última semana da campanha do primeiro turno, a candidatura Marina Silva praticamente dobrou de tamanho, passando de cerca de 10% para quase 20% das intenções de votos. A chamada “onda verde” significou que a candidata do PV havia crescido entre as mulheres, entre o eleitorado preocupado com as questões ambientais e entre algumas parcelas dos setores evangélicos da população. O comportamento do eleitorado feminino foi decisivo para levar as eleições para um segundo turno, como será visto na próxima seção deste artigo.

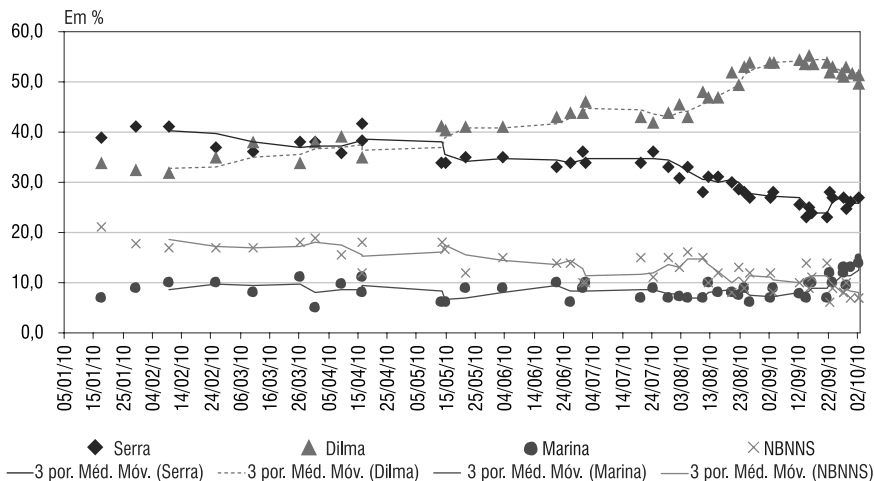
### **As diferenças de intenções de votos entre homens e mulheres no primeiro turno**

Não deixa de ser surpreendente que a candidata Dilma Rousseff tenha tido maior apoio entre o eleitorado masculino do que entre o feminino (Gráficos 6 e 7). Porém, este fato apenas repetiu as mesmas tendências ocorridas nas eleições presidenciais em que Luiz Inácio Lula da Silva participou, pois Lula sempre teve maior apoio entre os eleitores masculinos e seu governo sempre foi mais bem avaliado pelos homens.

Nota-se que, no começo de 2010, a diferença nas intenções de voto entre Dilma Rousseff e José Serra, entre o eleitorado masculino, era menor do que no eleitorado total, sendo que Dilma ultrapassou Serra em maio e chegou a mais de 50% das intenções de voto no início de agosto. Após o escândalo Erenice, Dilma perdeu um pouco de votos entre os homens, mas chegou às vésperas da votação do primeiro turno com cerca de 51% dos votos totais e 55% dos votos válidos. José Serra apresentou pequena recuperação – ficando com cerca de 27% dos votos totais (29% dos votos válidos) – e Marina Silva ficou com cerca de 14% dos votos totais (16% dos votos válidos). Mesmo considerando-se que os diversos institutos de pesquisa não captaram todo o crescimento da candidata do Partido Verde, os dados sugerem que Dilma Rousseff teria

ganhado as eleições no primeiro turno se fosse levado em conta apenas o eleitorado masculino.

**Gráfico 6**  
**Intenções de voto do eleitorado masculino no primeiro turno para as três principais candidaturas à Presidência. Brasil – janeiro-outubro de 2010**

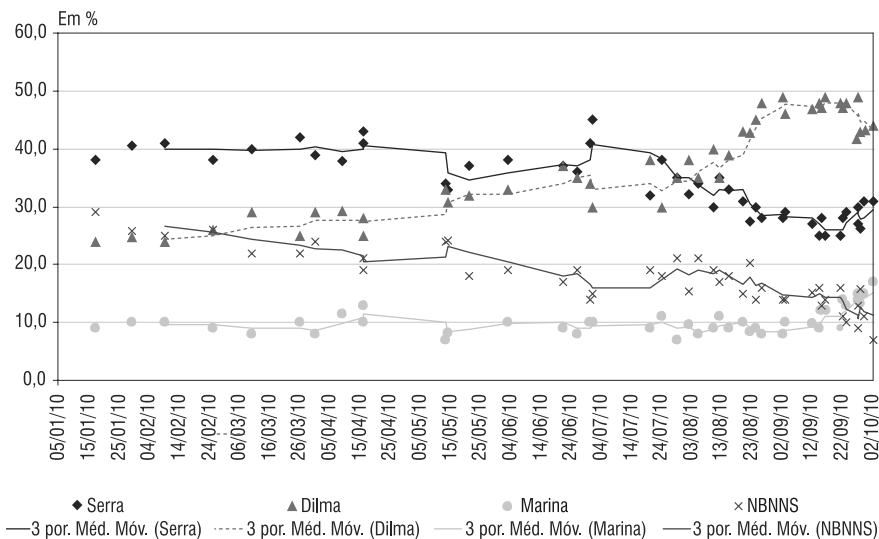


Fonte: Institutos de Pesquisas Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (45 pesquisas de intenções de voto).

Nota: NBNS – votos nulos, brancos, nenhum e não sabe.

O desempenho de Dilma Rousseff foi pior entre o eleitorado feminino (Gráfico 7). No começo de 2010, a diferença em relação ao candidato do PSDB estava em torno de 15 pontos, sendo que Dilma só ultrapassou José Serra em agosto e não chegou a atingir 50% dos votos totais entre as mulheres. Após o escândalo Erenice, a perda de intenções de voto de Dilma foi maior entre as mulheres e ela chegou à véspera da votação do primeiro turno com 43% dos votos totais, ou 47% dos votos válidos. Em meados de setembro, Dilma teria ganhado as eleições no primeiro turno também entre o eleitorado feminino. Mas o crescimento das intenções de voto em Marina Silva entre as mulheres foi o principal motivo que adiou a vitória de Dilma. O resultado final, em 03 de outubro, evidenciou que foi o eleitorado feminino que jogou as eleições para o segundo turno, pois Dilma tinha uma diferença de cerca de 8 pontos entre as intenções de voto de homens e mulheres (sendo que ela precisa de apenas 3,1% dos votos para decidir as eleições em 03 de outubro).

**Gráfico 7**  
**Intenções de voto do eleitorado feminino no primeiro turno para as três principais candidaturas à Presidência. Brasil – janeiro-outubro de 2010**

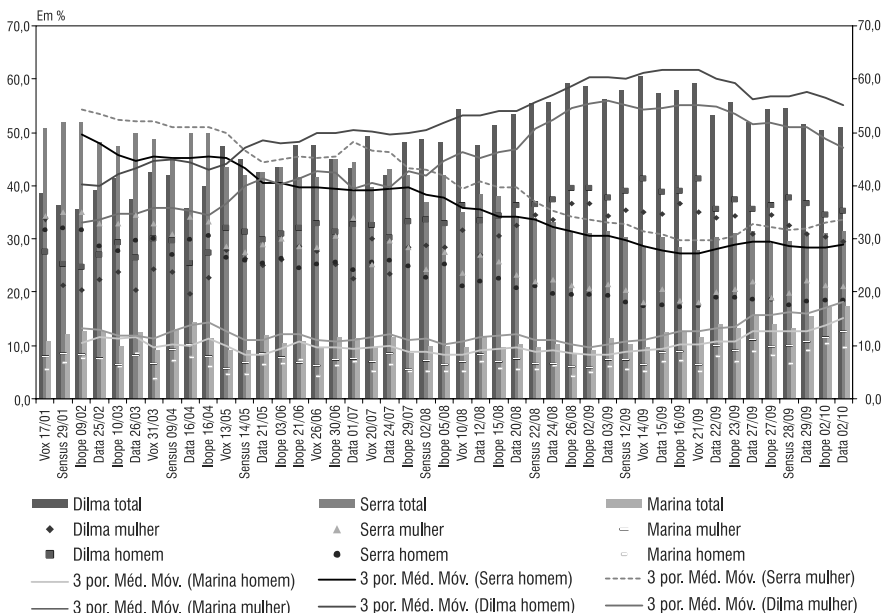


Fonte: Institutos de Pesquisas Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (45 pesquisas de intenções de voto).

Nota: NBNS – votos nulos, brancos, nenhum e não sabe.

O Gráfico 8 resume as intenções de voto, no primeiro turno, para as três principais candidaturas à Presidência no eleitorado total (barras) e o cálculo dos votos válidos (linhas) para os eleitorados masculino e feminino. Nota-se que Dilma manteve margem maior de votos entre os homens, enquanto Serra e Marina sempre tiveram mais votos entre as mulheres.

**Gráfico 8**  
**Intenções de votos válidos no primeiro turno para as três principais candidaturas à Presidência, segundo eleitorado total e por sexo. Brasil – janeiro-outubro de 2010**



Fonte: Institutos de Pesquisas Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (45 pesquisas de intenções de voto).

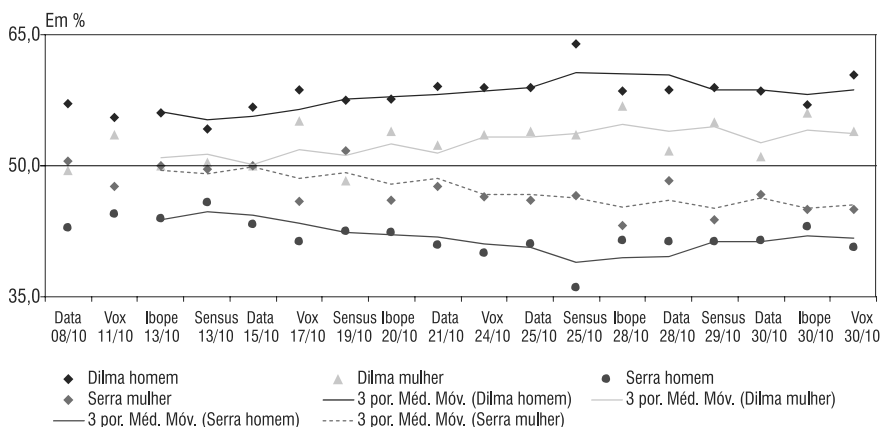
## As intenções de voto e a disputa eleitoral no segundo turno

As pesquisas de intenções de voto mostram que as diferenças entre Dilma e Serra, que estavam na faixa de 20 pontos no final do primeiro turno, caíram para cerca de 8 pontos no início do segundo turno (Gráfico 9). Isto quer dizer que uma parcela maior do eleitorado de Marina Silva migrou para o candidato do PSDB. A diferença era maior entre o eleitorado masculino, enquanto entre as mulheres a situação era de empate técnico.

No início do segundo turno, a candidatura Dilma Rousseff teve dificuldade para conquistar o eleitorado feminino, os mais escolarizados, os segmentos evangélicos e os eleitores mais jovens e os mais idosos. Mas, no decorrer da campanha em outubro, a candidata do PT recuperou terreno e obteve, entre os 99,4 milhões de votos válidos em 31/10/2010, 55,7 milhões (56,05% do total), contra 43,7 milhões (43,95%) de José Serra.



**Gráfico 9**  
**Intenções de votos válidos no segundo turno para as duas candidaturas à Presidência, segundo sexo dos eleitores. Brasil – outubro de 2010**

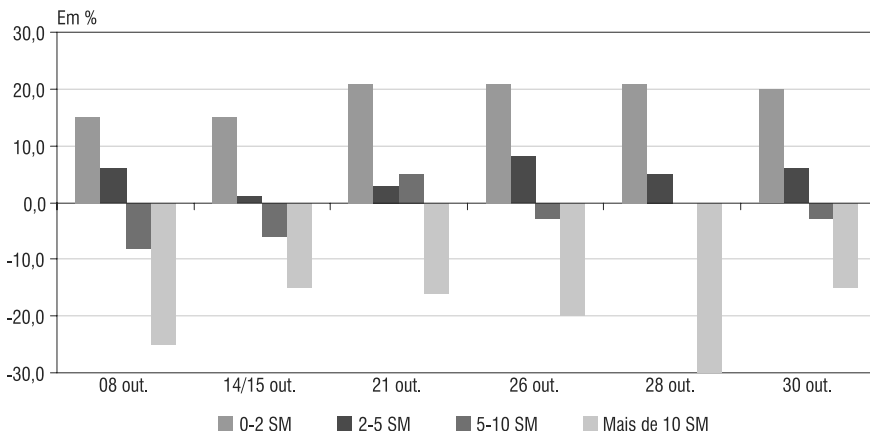


Fonte: Institutos de Pesquisas Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (18 pesquisas de intenções de voto).

Os Gráficos 10 a 14 mostram os dados sobre intenções de voto, no segundo turno, das pesquisas do Instituto Datafolha. Em termos de renda, Dilma começou o segundo turno com vantagem entre as camadas mais pobres da sociedade, especialmente entre as pessoas com 0 a 2 salários mínimos de renda familiar. Como visto anteriormente, a candidata do PT teve apoio do presidente Lula, que gozava de alto índice de popularidade entre a população de mais baixa renda do país. Durante a campanha eleitoral, ficou claro que o presidente conseguiu transferir grande parte deste prestígio para a sua candidata e ex-ministra. Em termos de escolaridade dos eleitores, a candidata Dilma Rousseff manteve grande vantagem, no segundo turno, entre aqueles com até ensino fundamental e começou o mês de outubro perdendo entre o eleitorado com ensino médio, mas depois se recuperou. Porém, entre as pessoas com ensino superior, a vantagem permaneceu a favor de José Serra, que manteve maiores intenções de voto entre o eleitorado de maior renda e maior escolaridade.

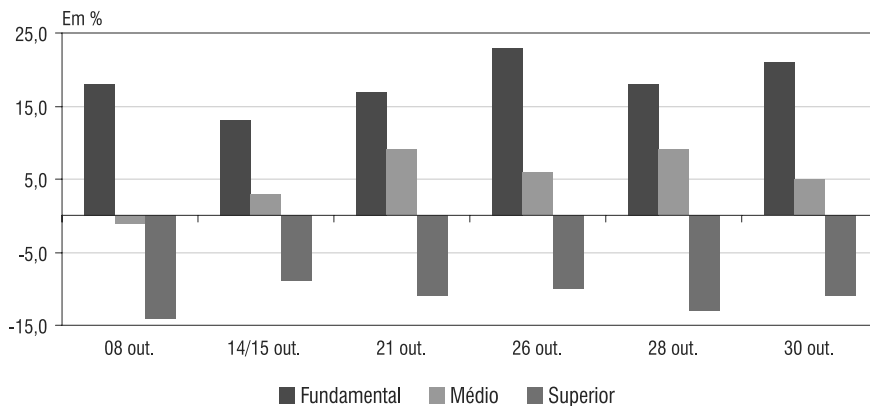
Quanto à faixa etária dos eleitores, Dilma obteve maiores intenções de voto em todos os grupos etários, mas especialmente entre os adultos de 25 a 59 anos. Entre os jovens e os idosos, o desempenho da candidata do PT foi menor, indicando uma dificuldade para atingir as gerações mais novas, que estão buscando entrar no mercado de trabalho, bem como as mais idosas que, em sua maioria, já saíram da atividade econômica.

**Gráfico 10**  
**Diferença de intenções de voto no segundo turno entre Dilma Rousseff e José Serra, segundo níveis de renda dos eleitores. Brasil – outubro de 2010**



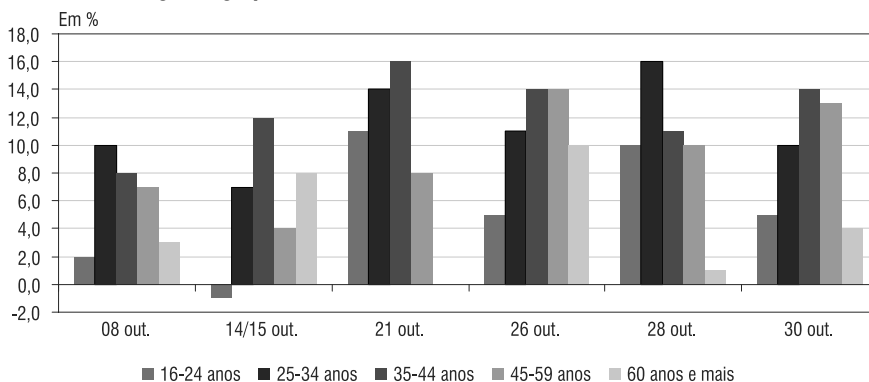
Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (seis pesquisas de intenções de voto).

**Gráfico 11**  
**Diferença de intenções de voto no segundo turno entre Dilma Rousseff e José Serra, segundo escolaridade dos eleitores. Brasil – outubro de 2010**



Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (seis pesquisas de intenções de voto).

**Gráfico 12**  
**Diferença de intenções de voto no segundo turno entre Dilma Rousseff e José Serra,**  
**segundo grupos de idade dos eleitores. Brasil – outubro de 2010**

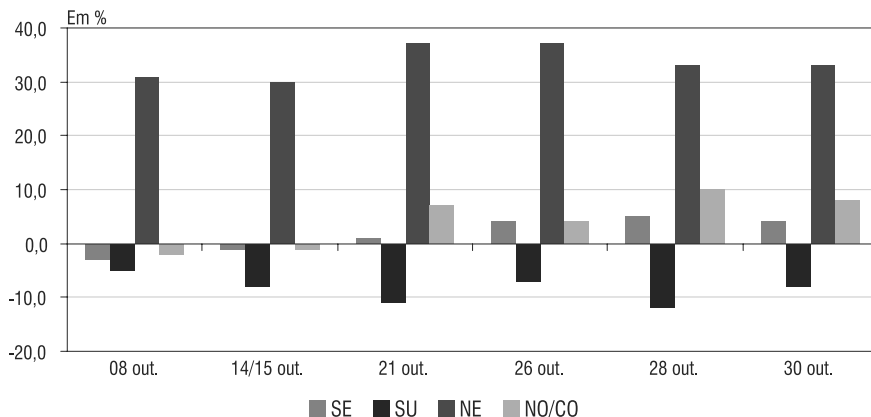


Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (seis pesquisas de intenções de voto).

Nas regiões brasileiras, Dilma Rousseff começou o segundo turno perdendo no Sul, Sudeste e Norte/Centro-Oeste. Porém, ao longo de outubro, ela se recuperou e passou à frente nas intenções de voto no Sudeste e Norte/Centro-Oeste. Durante todo o período, a candidata do PT manteve uma vantagem muito ampla nas intenções de voto do Nordeste e uma pequena desvantagem no Sul. Entretanto, os resultados de 31/10 mostraram que José Serra venceu no Paraná e em Santa Catarina e Dilma ganhou no Rio Grande do Sul, Estado onde o PT venceu a disputa para o governo estadual, o que reforça a relação entre uma forte base local e a vitória na disputa presidencial.

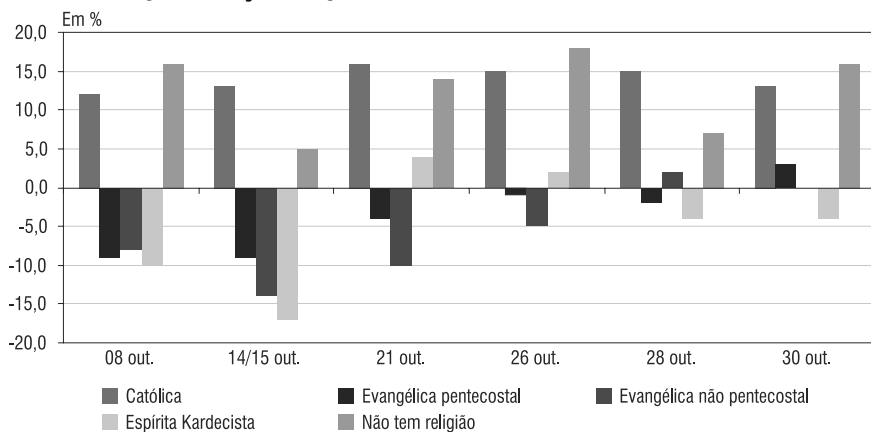
Em termos de filiação religiosa do eleitorado, José Serra começou outubro em vantagem entre os evangélicos tradicionais e pentecostais e os espíritas/kardecistas, enquanto Dilma Rousseff tinha a preferência dos católicos e daqueles que se declararam sem religião. Mas nas vésperas da votação do segundo turno, Dilma Rousseff já apresentava vantagem também entre os evangélicos pentecostais, estava empatada entre os evangélicos tradicionais (não-pentecostais) e só perdia entre os espíritas/kardecistas.

**Gráfico 13**  
**Diferença de intenções de voto no primeiro turno entre Dilma Rousseff e José Serra, segundo regiões. Brasil – outubro de 2010**



Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (seis pesquisas de intenções de voto).

**Gráfico 14**  
**Diferença de intenções de voto no primeiro turno entre Dilma Rousseff e José Serra, segundo filiações religiosas dos eleitores. Brasil – outubro de 2010**



Fonte: Instituto de Pesquisas Datafolha (seis pesquisas de intenções de voto).

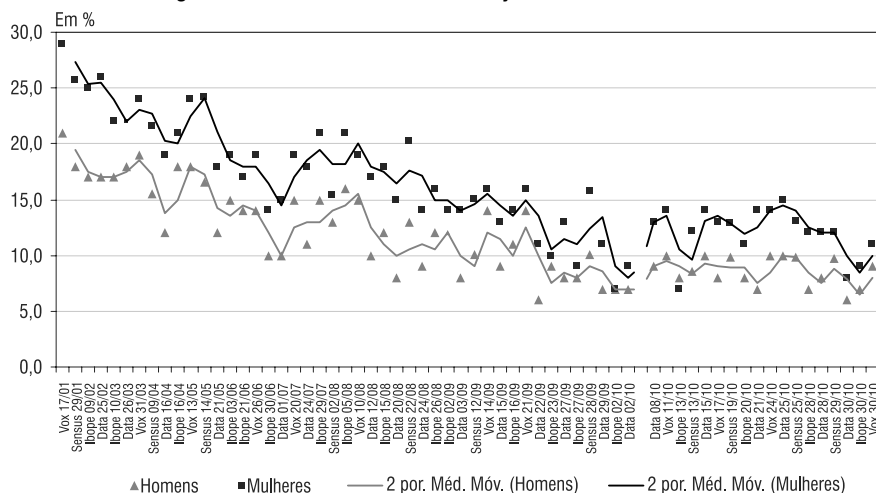
## Mulheres eleitoras: indecisas, exigentes ou excluídas?

Uma tendência recorrente nas eleições presidenciais do Brasil, durante a Nova República, é o maior percentual, entre as mulheres, de intenções de votos brancos, nulos, nenhum e não sabe. As pesquisas eleitorais mostram que tal comportamento também ocorreu nas eleições de 2010. Isto quer dizer que as mulheres são menos propensas a definir o voto nas candidaturas presidenciais, pelo menos antes da data final para se registrar o voto na urna. O Gráfico 15 mostra que, tanto no primeiro quanto no segundo turnos, existia maior “indefinição” do voto feminino.

Alguns políticos e analistas interpretam este fenômeno como parte de um processo de fraqueza feminina, pois as mulheres seriam mais indecisas e, de certa forma, alienadas da política. Elas acompanhariam menos os noticiários políticos e tenderiam a seguir os homens (pais, maridos, colegas de trabalho, vizinhos, lideranças locais, etc.) na hora de definir o voto. Por isso, elas estariam sempre atrás no processo de definição do voto e apresentariam maiores taxas de indecisão. Dessa forma, a candidatura que conquistasse os homens levaria as mulheres a reboque.

**Gráfico 15**

**Intenções de voto nulo, branco, nenhum e não sabe, no primeiro e segundo turnos, segundo sexo dos eleitores. Brasil – janeiro-outubro de 2010**



Fonte: Institutos de Pesquisas Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (63 pesquisas de intenções de voto).

Contudo, a análise dos dados e o contexto de desigualdades de gênero no Brasil possibilitam outras interpretações. Em vez de indecisas, as mulheres seriam mais exigentes e gostariam de conhecer melhor as candidaturas. Da mesma forma que as mulheres são consumidoras mais exigentes e cuidadosas, elas só definem o voto quando são convencidas das qualidades pessoais e programáticas das candidaturas.

Outra interpretação estaria relacionada com a exclusão feminina da política. Neste caso, a recusa em definir o voto com rapidez pode ser entendida como uma reação feminina ao fato de a maioria das mulheres estar alijada dos cargos de direção dos partidos e do governo. Pode ser uma reação também à linguagem da política, que é muito machista e dominada por um discurso falocêntrico, que privilegia a agenda masculina (ALVES, 2005). Desta perspectiva, as mulheres resistem em definir o voto em função do seu alijamento do processo político e da falta de uma liderança que seja capaz de tocar o “coração e a mente” do eleitorado feminino. Ao contrário de indecisas, as mulheres, na realidade, seriam mais exigentes e não seguiriam integralmente o caminho apontado pelos homens. Um exemplo de como as mulheres são alijadas da política pode ser ilustrado pelo baixo número de mulheres nas direções dos partidos e pela pouca divulgação dos temas relacionados às desigualdades de gênero nos programas eleitorais e no cotidiano das práticas políticas. Além disso, os constantes escândalos de corrupção e a má-gestão da coisa pública afastam o interesse das pessoas, em geral, e das mulheres, em particular, com o acompanhamento das ações governamentais e o processo legislativo.

Dessa forma, não é de se surpreender com o fato de as mulheres apresentarem menor interesse na política; esta política tal como é feita hoje no Brasil. De fato, as mulheres são excluídas das instâncias de decisão dos partidos e dos espaços do poder e depois são acusadas de serem eleitoras alienadas da política e incapazes de definir o voto com rapidez e antecedência.

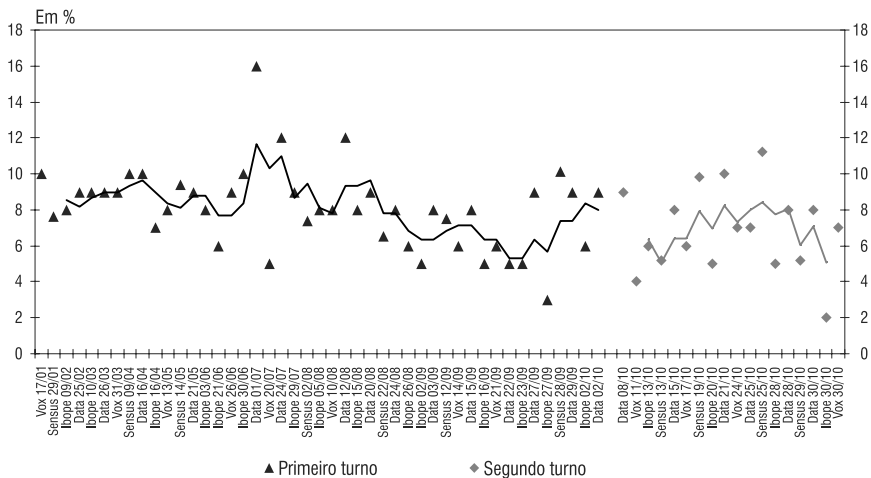
### **Diferenças nas intenções de voto masculino e feminino e o debate das questões de gênero**

Como visto nos dados de intenções de voto, a candidata Dilma Rousseff manteve melhor desempenho no eleitorado masculino do que no feminino. Já José Serra e Marina Silva apresentaram melhor resultado entre as mulheres. Esta diferença foi responsável pela existência do segundo turno nas eleições presidenciais de 2010, da mesma forma como

tinha ocorrido nas eleições de 2002 e 2006 (ALVES, 2010). Contudo, cabe novamente o registro de que a candidata do PT venceu as eleições tanto entre os homens quanto entre as mulheres, mas com uma margem maior entre os primeiros.

O Gráfico 16 mostra que, de janeiro até o começo de agosto, Dilma Rousseff tinha entre 8 e 10 pontos de vantagem entre o eleitorado masculino, em relação às intenções de voto das mulheres. Com o início do horário eleitoral, esta diferença caiu para algo entre 5 e 6 pontos. Mas após o escândalo Erenice, a diferença voltou para a casa dos 8 pontos até o fim do primeiro turno. Já no segundo turno, a diferença de intenções de voto, segundo o sexo do eleitorado, variou de 6 a 10 pontos, mas chegou no final de agosto com algo em torno de 5 a 6 pontos.

**Gráfico 16**  
**Diferença de intenções de voto de Dilma Rousseff entre os eleitores masculinos e femininos, segundo turnos. Brasil – janeiro-outubro de 2010**



Fonte: Institutos de Pesquisa Datafolha, Vox Populi, Ibope e Sensus (63 pesquisas de intenções de voto).

Uma interpretação apressada destes dados poderia sugerir que as mulheres são mais conservadoras e não votam em candidaturas de esquerda e em candidaturas femininas (“mulher não vota em mulher”). Inglehart (1977) mostra que, no período pós-Segunda Guerra Mundial, existia uma tendência de as mulheres votarem mais à direita do espectro político nos países ocidentais, mas isso mudou à medida que as sociedades foram elevando seus padrões de consumo e bem-estar. Em trabalho mais recente, Inglehart

e Norris (2000) examinam dados de 60 países, a partir da pesquisa World Values Surveys, e mostram uma tendência de as mulheres se moverem à esquerda do espectro político, realinhando politicamente as intenções de voto com o eleitorado masculino.

As eleições de 2010, no Brasil, podem ser classificadas como as eleições mais femininas na história do Brasil. O número de mulheres candidatas a deputadas estaduais e federais bateu todos os recordes históricos. Também não existem indicações de que as mulheres, em bloco, tenham apresentado um voto mais conservador. As duas candidaturas femininas, que concorreram com os sete homens ao cargo de presidente da República, tiveram dois terços dos votos no primeiro turno, mostrando que o eleitorado, em sua maioria, não discrimina as mulheres e que a maior parte do eleitorado feminino votou em uma mulher para a Presidência.

### **Considerações finais**

Em 2010, o Brasil elegeu uma mulher para a Presidência da República. Este fato histórico aconteceu 78 anos após a conquista do direito de voto feminino, em 1932. A chegada de uma mulher no topo do Poder Executivo contrasta com a baixa participação feminina no Poder Legislativo no país. Com a vitória de Dilma Rousseff, o Brasil entrou para o clube dos 17 países que atualmente possuem mulheres presidentas ou primeiras-ministras, ao mesmo tempo em que ocupa uma incômoda 140ª posição no *ranking* mundial de representação feminina nas Câmaras de Deputados.

A chegada de uma mulher na chefia do Palácio do Planalto significa uma inclusão real de gênero, marcando um rompimento com o “clube do bolinha” que caracterizou a galeria dos dirigentes máximos da República. Em termos simbólicos, a vitória de Dilma passa a seguinte mensagem para a população do Brasil e do mundo: “Sim, a mulher pode”. As meninas das novas gerações vão perceber que os espaços de poder não são lugares exclusivos do sexo masculino. Uma mulher na Presidência é também uma forma de reconhecimento da importância feminina na sociedade, pois as mulheres são mais de 50% da população e do eleitorado brasileiro, possuem em média maior escolaridade do que os homens, vivem por mais tempo, são maioria na população economicamente ativa com mais de 11 anos de estudo e também entre os beneficiários da previdência social (aposentados + pensionistas) e trabalham mais horas por dia quando se somam o trabalho remunerado e as atividades domésticas não-remuneradas.



Mas a vitória de Dilma Rousseff não foi uma conquista do movimento feminista organizado em termos de entidades independentes e com uma clara proposta política de equidade de gênero. Sua vitória se deu pela posição que ocupou nos dois governos anteriores e pela indicação como candidata do PT, encabeçando uma ampla coligação partidária. O crescimento da candidatura da ex-ministra da Casa Civil foi um processo que se acentuou a partir da desincompatibilização do cargo ministerial, em 31 de março, da desistência da candidatura de Ciro Gomes, no final de abril, da propaganda eleitoral do PT, em 13 de maio, do lançamento oficial da candidatura na convenção do PT, em 13 de junho, da formalização da coligação “Para o Brasil seguir mudando”, em final de junho, do início da campanha oficial, em 06 de julho, com a realização de comícios e propagandas pela Internet, e do começo da propaganda eleitoral gratuita no rádio e televisão.

O esforço da campanha de *marketing* foi identificar Dilma Rousseff com o governo federal, que possuía altos índices de aprovação popular. Exatamente por isso, Dilma herdou boa parte do eleitorado do ex-presidente Lula, eleitorado este que sempre foi majoritariamente masculino. Talvez, por este motivo, os coordenadores da candidatura evitaram dar um tom feminista na campanha eleitoral. O fato é que diversos temas de interesse das mulheres e várias bandeiras históricas do movimento feminista foram deixados de lado nas eleições de 2010.

A tática eleitoral da candidata do PT estava apresentando bons resultados até meados de setembro de 2010. As curvas de intenção de voto indicavam uma possível vitória de Dilma Rousseff no primeiro turno. Mas com o escândalo de corrupção envolvendo a ministra da Casa Civil, Erenice Guerra, as curvas se inverteram, com as intenções de voto em Dilma caindo e as de Serra subindo. A polêmica sobre a descriminalização do aborto ganhou força e ajudou a reduzir as intenções de voto da candidatura Dilma. Porém, foi a candidata Marina Silva que mais se beneficiou das mudanças de intenção de voto na última semana antes da votação do primeiro turno. A queda de Dilma e a subida de Marina foram maiores entre o eleitorado feminino. Os dados mostram que foram as mulheres que impossibilitaram uma decisão no primeiro turno.

No começo do segundo turno, Dilma Rousseff apresentava boa dianteira entre o eleitorado masculino e estava tecnicamente empatada com José Serra no eleitorado feminino. Mas, durante outubro, prevaleceu a maior força eleitoral da coligação “Para o Brasil seguir mudando” e as intenções de voto, no final de daquele mês, já mostravam uma vitória de

Dilma Rousseff no eleitorado de ambos os sexos, mas com predomínio entre os homens.

Mesmo havendo duas mulheres disputando a Presidência da República, a discussão de gênero não fez parte dos assuntos principais da campanha, muito menos a pauta feminista esteve presente. Porém, em seu discurso de vitória (31/10/2010), Dilma disse que, enquanto presidenta, vai “honrar as mulheres brasileiras” e lutar pela “igualdade de oportunidades” para ambos os sexos. Para a formação do novo governo, ela disse que gostaria de ter um gabinete ministerial com 30% de mulheres. Mas a vontade de Dilma não foi suficiente para indicar 11 ministras. A pressão dos partidos para indicar lideranças partidárias (quase sempre homens) reduziu o espaço potencial das mulheres. Dos 37 ministros do governo Dilma que tomaram posse no dia 01 de janeiro de 2011, nove eram mulheres (representando 24% do gabinete total).

Desta forma, o ano de 2011 começa com avanços importantes. Mas, para romper com a exclusão da mulher nos espaços de poder, um passo decisivo será dado durante a reforma política que se pretende implementar durante o corrente ano. A comissão de reforma política do Senado aprovou a adoção de cotas para mulheres nas eleições, estabelecendo que 50% das vagas nas eleições proporcionais (para deputados e vereadores) sejam destinadas às mulheres, com alternância entre um homem e uma mulher nas listas fechadas de candidatos. Se o percentual feminino não for cumprido, a proposta prevê que a lista seja indeferida pela Justiça Eleitoral.

A presença de uma mulher na Presidência da República, a formação de um ministério com número recorde de mulheres (embora ainda longe da paridade) e uma reforma política que garanta igualdade de oportunidades para ambos os sexos podem configurar uma situação inédita rumo a relações de gênero mais igualitárias na política brasileira. Entretanto, não se pode omitir o fato de que continuam existindo muitas pressões para se manter tanto a tradicional divisão sexual e social do trabalho quanto as aspirações femininas dentro do figurino tradicional de esposa e mãe. Neste sentido, as conquistas alcançadas até o momento devem ser encaradas como passos iniciais rumo à desejável emancipação feminina e ao pleno empoderamento das mulheres.

## Referências

ALVES, J. E. D. Gênero e linguagem na cultura brasileira: elementos para reflexão sobre uma diferença In: LOYOLA, M. A. **Bioética, reprodução e gênero na sociedade contemporânea**. 1 ed. Rio de Janeiro/Brasília: Abep/Letras Livres, 2005, v.1, p. 233-256.

\_\_\_\_\_. Mulheres jogam as eleições para o segundo turno em 2010. **O Pensador Selvagem**, Florianópolis, 03/10/2010.

\_\_\_\_\_. As eleições municipais de 2004 e o bipartidarismo de coalizão. **Textos para Discussão**. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, v. 23, p.1-58, 2007.

BACHELET, M. **Biografias**. 2011. Disponível em: <<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/bachelet.htm>>.

BACELAR, T. Nordeste foi a região mais beneficiada no governo Lula. Entrevista. **Bahia Econômica**, Salvador, Ceplan – Consultoria Econômica e Planejamento, 2/11/2009.

COIMBRA, M. Mudar ou continuar. **Correio Braziliense**, Brasília, 30/06/2010.

GUIMARÃES, J. Dilma ainda lá! **Carta Capital**, São Paulo, 13/10/2010.

INGLEHART, R. **The silent revolution: changing values and political styles among western publics**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, R.; NORRIS, P. The developmental theory of the gender gap: women's and men's voting behavior in global perspective. **International Political Science Review**, v. 21, n. 4, p. 441-463, Oct. 2000.

LIMONGI, F.; CORTEZ, R. As eleições de 2010 e o quadro partidário. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, n. 88, nov. 2010.

MELO, C. R. Estabilidade e mudanças. **Teoria e Debate**, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, n. 90, nov./dez. 2010.

SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, edição 85, dez. 2009, Disponível em: <[http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo\\_artigo.asp?idMateria=1356](http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo_artigo.asp?idMateria=1356)>.

SANTANA, J. Entrevista. **Folha de S. Paulo**, 07/11/2010.

STARLING, S. Elas continuam sendo objeto de manipulação eleitoral. **O Tempo**, 18/08/2010. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/otempo/colunas/?IdColunaEdicao=12601>>.

VICENTE, T. Não basta ser mulher. **Caros Amigos**, 18/06/2010. Disponível em: <[http://carosamigos.terra.com.br/index\\_site.php?pag=materia&id=219](http://carosamigos.terra.com.br/index_site.php?pag=materia&id=219)>.